



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7692 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

### ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19: NOVAS ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORA, FAMÍLIAS, ALUNAS E ALUNOS DE UMA TURMA DE 1º ANO DURANTE O ENSINO REMOTO

Ana Cláudia Angelo - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

Agência e/ou Instituição Financiadora: capes

### **ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19: NOVAS ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORA, FAMÍLIAS, ALUNAS E ALUNOS DE UMA TURMA DE 1º ANO DURANTE O ENSINO REMOTO**

**Introdução** Nas últimas semanas de 2019, houve a descoberta do novo coronavírus, o então denominado Sars-Cov-2, que viria a se tornar motivo de grande impacto na vida de toda a população mundial. O vírus provoca uma doença altamente contagiosa que em alguns casos pode se agravar, levando o paciente a óbito. Enquanto não se chega a um resultado efetivo nas pesquisas sobre a vacina, medidas preventivas foram tomadas em todo o mundo. Dentre elas, a que mais transformou a rotina da população foi o isolamento social. No Brasil, em março de 2020, apenas serviços essenciais estavam em funcionamento presencial. As demais atividades foram canceladas ou realizadas à distância.

No âmbito da educação, temos escolas fechadas e, com isso, professores, alunos, familiares e responsáveis tendo de se adaptar ao ensino remoto, em meio virtual, quando se tem acesso a ele. Crianças que estariam iniciando seu processo de alfabetização na escola, também estão tendo que se habituar ao novo modo de aprender, no qual seus cuidadores tornaram-se peças fundamentais.

Entretanto, muito antes da pandemia, a preocupação com a alfabetização já vinha sendo motivo de debates em pesquisas e políticas públicas. Agora, essa preocupação de décadas ganhou novas nuances e tem gerado um debate inédito. Tendo esse contexto como ponto de partida, estamos realizando uma pesquisa em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, que se encontra em situação de ensino remoto com o objetivo de compreender esse novo modo de ensino.

**Método utilizado** O trabalho proposto apresenta resultados parciais de uma pesquisa maior que resultará em uma dissertação de mestrado, cujo objetivo é investigar como está ocorrendo o processo de alfabetização de uma turma de 1º ano de uma escola estadual na cidade de São João Del-Rei, durante a pandemia. Para isso, a pesquisadora vem coletando dados diversos no grupo de *Whatsapp* onde estão ocorrendo as aulas remotas.

Além disso, estão sendo realizadas reuniões – entre a alfabetizadora da turma e a pesquisadora, em conjunto a outras alfabetizadoras e pesquisadoras que também estão desenvolvendo investigações com a mesma temática em outras turmas – a fim de trazerem inteligibilidade aos dados e compartilharmos experiências das turmas em análise.

A abordagem da pesquisa é qualitativa do tipo estudo de caso de cunho etnográfico. Segundo Antônio Gil: “O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado [...]” (GIL, p.57-58, 2008).

Entretanto, o estudo de caso de cunho etnográfico, considera não só as características apontadas por Gil (2008), como também algumas das peculiaridades da etnografia. Segundo Marli André, o termo “etnografia” tem dois sentidos: “(1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas.” (ANDRÉ, 1995, n.p.).

Contudo, devido a algumas diferenças de enfoque entre os etnógrafos e os pesquisadores da educação o que têm sido feito, é uma adaptação da etnografia à educação, resultando em estudos de cunho etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito (ANDRÉ, 1995).

**Discussão articulada aos referenciais bibliográficos** A temática da alfabetização sempre esteve presente nas discussões sobre educação no Brasil, por meio de teorias diversas. No texto completo deste trabalho, pretendemos colocá-las em diálogo, mas para o momento, apresentamos as concepções de Paulo Freire sobre a alfabetização, com as quais cultivamos grande afinidade teórica.

Diferente de teorias que abordavam a dicotomia entre “alfabetizar” e “letrar”, Freire propõe um conceito abrangente de alfabetização, cujo foco principal encontra-se no contexto social, político e cultural dos alfabetizandos. Segundo Henry Giroux (1990), a concepção freireana de alfabetização se apresenta como um projeto político emancipador, no qual é essencial: “uma relação dialética dos seres humanos com o mundo, por um lado, e com a linguagem e com a ação transformadora, por outro.” (GIROUX, 1990, p.7).

Assim, a alfabetização deixa de representar a mera habilidade técnica a ser adquirida e se torna “fundamento necessário à ação cultural para a liberdade, aspecto essencial daquilo que significa ser um agente individual e socialmente constituído.” (GIROUX, 1990, p.7).

Desse modo, o próprio conceito de alfabetização, para Freire, é suficiente para abranger tanto o aprendizado da leitura e da escrita, quanto seus usos e a interpretação e transformação do contexto cultural, social e político em que se inserem. Nas palavras do autor: “É impossível levar avante meu trabalho de alfabetização ou compreender a alfabetização [...] separando completamente a leitura da palavra da leitura do mundo. Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como “escrever” o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo.” (FREIRE, 1990, p.31).

Esta concepção mais ampla de alfabetização – como apropriação da cultura escrita, que parte da realidade social, cultural e política dos educandos – é a concepção que também defendemos. Acreditamos que assim torna-se possível não só a interpretação de textos, mas também a interpretação do mundo como prática social, emancipatória, crítica e consciente.

**Resultados e Conclusões** Ainda que o estudo esteja em andamento, algumas

considerações já podem ser levantadas. O Governo de Minas Gerais disponibilizou material escrito padronizado, denominado Planos de Estudos Tutorados (PET) a ser distribuído às crianças de todas as escolas estaduais. Esse material é de uso obrigatório, pois a realização das atividades serve como forma de controle da frequência escolar. A professora pode complementá-lo com outros conteúdos.

Também foi criado pelo governo um aplicativo para a disponibilização do PET e de teleaulas, porém o conteúdo audiovisual não foi formulado para os alunos do 1º ano. Dessa forma, as aulas remotas têm acontecido por meio de um grupo de *Whatsapp* criado pela professora da turma, que incluiu um familiar de cada criança.

Nota-se, de um lado, o importante papel das famílias em mediar o ensino e, de outro, as dificuldades que estão enfrentando, seja pela falta de formação específica ou pela sobrecarga em encaixar mais uma tarefa em suas rotinas. Muitos foram os relatos dos familiares expressando a dificuldade em ensinar, em manter as crianças concentradas e em dar conta do volume e do conteúdo das atividades propostas, principalmente pelo PET.

A professora se mostrou muito compreensiva e empenhada em ajudar os familiares, desenvolvendo longas conversas com instruções e conselhos a fim de diminuir esses problemas. Entretanto, ela também está sofrendo as consequências dessa drástica mudança, reinventando seu modo de ensinar e aprendendo junto com as famílias a melhor forma de esse processo acontecer nesse contexto tão atípico.

Visto isto, concluímos que a principal diferença observada entre o ensino presencial e o remoto é a figura dos adultos como elo principal da interação entre professora e alunos.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Pandemia, Ensino Remoto.

## **REFERÊNCIAS**

ANDRÉ, Marli Eliza D. A.. *Etnografia na Prática Escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo : Atlas, 2008.